

**Artigo:** “MAIS GRAVE! Como as tecnologias midiáticas afetam as sensorialidades auditivas e os códigos sonoros contemporâneos” de Vinicius Andrade Pereira & José Claudio Castanheira

**Relatora:** Adriana Amaral

### *Ou Testando as Frequências Teóricas do Subwoofer*

“Quem se dispuser a escutar o som real do mundo, hoje, e toda a série dos ruídos em série que há nele, vai ouvir uma polifonia de simultaneidades que está perto do ininteligível e do insuportável. Não só pela quantidade de coisas que soam, pelo índice entrópico que parece acompanhar cada som com uma partícula de tédio, como por não se saber mais qual é o registro da escuta, a relação produtiva que a escuta estabelece com a música” (WISNIK, 1999: 53)

Gostaria, em primeiro lugar, de agradecer a oportunidade de relatar o artigo de Vinicius & José Claudio tanto pela afinidade com a temática relacionada às tecnologias sonoras e às sensibilidades da escuta, ainda tão pouco explorada no GT Cibercultura, quanto pelo espaço de trocas e diálogos afetivos e calorosos que sempre nos são caros. Além disso, destaco que somente pelo fato de nesse ano, esse tema ter gerado uma mesa, é um fato que aponta a sua importância em relação à cultura contemporânea e seus processos de consumo e práticas de apropriação a partir das ferramentas de comunicação digital.

Nesse sentido, o que propomos aqui é um misto de relato e escuta, no sentido barthesiano da da atenção e da seleção (1990) ao que o paper merece, e, ao mesmo tempo indicar alguns questionamentos a fim de aumentar os graves do debate, testando a amplitude das frequências teóricas de discussão, sem estourar no entanto, o *subwoofer*<sup>1</sup> da audiência e do próprio GT. Tomarei como ponto de partida das discussões apontadas no artigo não somente suas teorias, mas uma aplicação sonora das mesmas, tendo como *leitmotif* a faixa *Woofers Excursion Test* produzida pelo artista noruguês Scandy, em especial pelo seu propósito (de testar as frequências de graves e subgraves) que ouviremos a seguir:

Woofers excursion test. This track will test the woofer's ability to reproduce sub-bass frequencies without reaching the limits of its voice coil or suspensions. In other words, to drop bottom without bottoming out. Be sure to disengage any equalizers, epicentres or other basement enhancement devices as they will not be necessary for this track.

---

1 Subwoofer é um tipo de alto-falante usado para reproduzir frequências baixas (sons graves e sub-graves), geralmente abaixo de 100Hz. O nome é dado devido a sua reprodução estar abaixo da reprodução dos woofers. Como nesta faixa de frequência o cone precisa movimentar muito ar, são alto-falantes de diâmetro grande e alta excursão do cone (4 a 20mm de amplitude). O subwoofer tem seu compromisso acústico entre a resposta em frequência e o tempo de resposta em função do tamanho do seu cone. Se tomarmos um cone grande, sua excursão movimentará grandes quantidades de ar e gera alta pressão sonora (SPL) em frequências sub-graves (<30Hz).

Num primeiro momento gostaria de destacar a continuidade e ampliação do artigo em relação aos trabalhos anteriores do autor, sob a perspectiva da teoria das materialidades da comunicação e de uma análise de novos tipos de sensorialidades que surgem e são reconfiguradas a partir dos tecnologias de gravação de áudio. Em *Mais Grave!*, somos conduzidos a pensar a questão da audibilidade tátil-acústica que vem a se manifestar através do corpo como também receptor-emissor e instrumento a partir do aumento das frequências de graves seja em vanguardas experimentais sonoras desde a música concreta e a eletroacústica até gêneros extremos como o *noise* ou no contexto do entretenimento como a imersão auditiva proporcionada pelos games, entre outros exemplos.

A partir daí, optei por apenas elencar possíveis questionamentos indicados pelo artigo, para serem desdobrados na discussão, e que certamente me deixaram com muito mais idéias e dúvidas do que com certezas em relação a tais proposições. Espero que essas quatro linhas de raciocínio aqui indicadas instiguem o debate e amplifiquem novas possibilidades de investigações e problemas.

- 1) A questão do ruído e outros elementos de estímulo em relação às práticas culturais de uma determinada época, além do caráter material do som, possui uma dimensão antropológica (Wisnik, 1999) que se relaciona com a constituição da própria sociedade à qual ele está vinculado. Assim, o “ruído” é um elemento constante na trajetória da cibercultura, tanto se retomarmos o aspecto clássico da teoria da comunicação, enquanto um elemento que “suja” e polui as trocas informacionais e comunicacionais e quanto o próprio tilintar das máquinas, o zunido da conexão dial-up nos tempos pré-banda larga e outros ruídos que se “embolam” no “paredão sonoro” do cotidiano imerso em tecnologias.

A música, tal como a compreendemos hoje, é igualmente uma excitação e uma descarga conjunta dos afetos, mas não obstante, apenas o que sobrou de um mundo de expressão dos afetos muito mais pleno, um mero *residuum* do histrionismo dionisíaco (...) a música é a especificação lentamente alcançada deste estado, em detrimento das faculdades que lhe são mais intimamente aparentadas. (Nietzsche, 2000: 71)

- 2) A partir de uma outra instância, o argumento das transformações nas audibilidades e sinestésicas contemporâneas me remeteu às proposições de estética fisiológica indicadas por Nietzsche (1999) ainda na modernidade, ao comparar ironicamente os efeitos da ópera Carmen de Bizet em sua “sensibilidade mais meridional, mais morena, mais queimada”

(p.13) com o “vapor úmido do ideal” germânico das óperas de Wagner. Assim, como poderíamos pensar essa “estética fisiológica” de descarga de afetos em relação aos graves? De que maneira as manifestações corporais poderiam nos indicar outros níveis de escuta?

- 3) Uma outra observação vem de encontro a uma questão que tanto é da ordem de uma idiossincrasia pessoal ao tentar relacionar com minhas próprias investigações quanto diz respeito às próprias opções teóricas dos autores. Ao elaborarem uma proposta exploratória inicial que pode gerar uma cartografia de anarqueologia (Zielinsky, 2007) dos graves e subgraves nas mídias, gostaria de um maior encaminhamento no que tange aos protocolos metodológicos dessa escuta tátil. Como analisar uma sensibilidade em transformação? Em que tipos de objetos empíricos e a partir de quais categorias pensar a escuta no contexto dos ambientes e mídias digitais dado essas percepções distintas?
- 4) Para finalizar, penso na questão dos espaços, ambiente e locais, ou seja como eles influenciam as linguagens da escuta a partir de suas próprias materialidades e limitações técnicas, afinal um ouvir uma canção folk em um ipod no metrô é muito diferente de escutar os barulhos de R2D2 no *hometheater* da sala ou de ir a um super-concerto de rock ou ao baile funk?

Para fechar, novamente agradeço a oportunidade do relato e mais ainda do compartilhamento de “angústias epistemológicas” e retomo as palavras de “*woofer excursion test*” encerrando a primeira sessão de trabalho da mesa temático-sonora-digital: “This concludes the woofer excursion test. If your woofers have not ceased up at this time, they now qualify for the following tracks”.

### **Referências:**

BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso*: RJ: Nova Fronteira, 1990.

NIETZSCHE, Friedrich. *O caso Wagner: um problema para músicos. Nietzsche contra Wagner: dossiê de um psicólogo*. SP: Cia das Letras, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos (ou como filosofar com o martelo)*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

WISNIK, José M. *O som e o sentido. Uma outra história das músicas*. SP: Cia das Letras, 1999.

ZIELINKSY, Siegfried. *Arqueologia da Mídia. Em busca do tempo remoto das técnicas do ver e do*

*ouvir*. SP: Annablume, 2007.

**Áudio:**

Industrial Bass Machine – Robot Stampede - <http://www.youtube.com/watch?v=-MURmeGj-iQ>

Scandy – Woofer Excursion Test - <http://www.youtube.com/watch?v=fDenyVxeeQc>